

Uma reflexão sobre as razões do primeiro fratricídio em Gn 4

(E não serão as razões de todos os outros?)

P. Leandro Nandi - OAD

*“Aconteceu quando estavam no campo,
lançou-se Caim sobre Abel, seu irmão,
e o matou.
Então disse Yhwh para Caim:
Onde está Abel, teu irmão?
E ele respondeu:
Não sei!
Por acaso o guardião de meu irmão sou eu?”
(Gn 4,8-9)*

Fratricídio¹

O episódio do fratricídio em Gn 4,8 é relatado de forma extremamente breve e concisa, uma única frase com duas orações: “lançou-se Caim sobre Abel, seu irmão, e o matou.”. Dois verbos definem toda a ação: O primeiro é o verbo קָרַח que com a preposição אֶל, ganha o significado de “lançar-se sobre, atacar”; o segundo é o verbo הָרַג cujo significado base é “matar”.

De modo minimalista, o relato apresenta somente o essencial: além dos verbos, dois nomes, Caim e Abel e uma relação, são irmãos. Dois verbos, dois movimentos, duas ações de Caim contra Abel e o crime concretizou-se: “lançou-se Caim sobre Abel, seu irmão, e o matou”. Na concisão do texto, a rapidez da ação é indicada. Uma rapidez dura, fria, certa, como o bote de uma serpente, como o ataque de um leão lançando-se sobre uma presa, como o precipitar de uma ave de rapina sobre o alvo. O animal sedento que estava “a porta” de Caim (v. 7) levantou-se e Caim, ao invés de submetê-lo, deu-lhe espaço e submeteu seu irmão. Caim errou o alvo, falhou, pecou; Caim transgrediu o limite sagrado da vida mais próxima dele: de seu irmão. O episódio é conciso, parecendo indicar que diante da eloquência da ação, nada mais precisa ser dito. No silêncio vasto de um campo deserto, sob o corpo feroz do irmão Caim, o “sopro” de Abel cessou. Para esse ponto parece que o texto sombriamente se encaminhava, desde o início, podendo ser entrevisto por detrás dos nomes e das situações. Havia outra opção dada pelo próprio Yhwh na primeira exortação (v.6-7) mas Caim a rejeitou.

¹ Este artigo está em continuidade com outros relativos a mesma perícopé bíblica apresentado nas edições passadas desta revista.

Interpelação de Yhwh

O texto apresenta, logo após a cena do assassinato, uma interpelação de Yhwh a Caim. As primeiras palavras de Yhwh a Caim nesta nova interpelação (a primeira se deu antes do fratricídio quando Yhwh exortou Caim dos perigos a que estava exposto com seu modo de proceder – Cf. Gn 4, 6-7) constituem uma pergunta a respeito do irmão: “Onde está Abel, teu irmão?”

Da pergunta de Yhwh pelo paradeiro de Abel pode-se deduzir que, na trama, Caim tenha enterrado o corpo de Abel ou então saído às pressas do local do crime, pois supõe que Abel não esteja presente aos olhos de Yhwh. No entanto, se não perceptível aos olhos Abel se faz perceber aos ouvidos de Yhwh, como é demonstrado na sequência (v.10c).

A pergunta a respeito do paradeiro de Abel que Yhwh faz a Caim é feita de maneira retórica; Yhwh sabe onde Abel está. Como na primeira vez que se aproxima para dirigir sua palavra a Caim (v.6-7), Yhwh demonstra novamente uma atitude paterna, aproximando-se dele sem acusações ou censuras de antemão, mas concedendo-lhe a possibilidade de falar a verdade e declarar o que fez. Assemelha-se à sensibilidade de um pai que sabendo de um mal praticado pelo filho não o acusa diretamente, mas o questiona querendo ouvir dele uma corajosa confissão, motivando uma contrição pelo mal praticado.

A interrogativa traz, juntamente ao nome de Abel, o aposto “teu irmão”, marcadamente apontando o tipo de relação que une Abel a Caim, parecendo instigar que a fraternidade seja despertada na consciência de Caim. Interessante perceber que o termo אָחִי (“irmão”) ocupa nesta pergunta sua posição central das 7x que aparece no relato: 3x antes, 3x depois; no centro, a forte pergunta feita a Caim. Soma-se a isso, o fato de que a narrativa traz a palavra “irmão” insistentemente no ponto mais tenso do relato. Só em Gn 4,8-9 a palavra ocorre 4x. Isso demonstra o quanto é central no texto a temática da relação fraterna.

Também é importante notar que a pergunta de Yhwh a Caim faz ressoar a questão direcionada a Adão logo após a transgressão em Gn 3,9: “Onde estás?”. Ao retomar a semelhante pergunta, parece associá-las. Em Gn 3,9 apresenta claramente uma dimensão vertical, referindo-se a relação do ser humano com Yhwh; em Gn 4,9, assume uma dimensão horizontal, referindo-se ao ser humano em sua relação social. Ambas constituem-se como uma indicação de que o ser humano não vive só, é um ser de relação e de responsabilidades diante dessas relações. Parece expressar claramente a noção de que Yhwh, que criou o ser humano, o interpela e questiona como um pedagogo e não como um juiz.

A resposta de Caim, no entanto, sem destoar da que fora dada pelos seus pais, segue o mesmo exemplo: não assume o erro cometido. A aproximação paterna de Yhwh a Caim, querendo

suscitar uma palavra justa a respeito do que acabara de acontecer, demonstra-se, uma tentativa vã. Caim responde a Yhwh de forma ríspida e em tom visivelmente sarcástico e arrogante. Sua resposta não condiz com a verdade, antes, procura escondê-la e esquivar-se dela. As primeiras palavras de Caim explicitadas no relato constituem-se como uma negação da verdade e um ataque feroz para subtrair-se da responsabilidade por seus atos. Sua resposta é dupla, composta de uma oração negativa exclamativa e uma interrogativa: “Não sei! Por acaso o guardião do meu irmão sou eu?”.

Certamente Caim sabia onde havia deixado seu irmão, sua resposta é evasiva, oculta a verdade negando saber a respeito do Abel, visivelmente na tentativa de evadir-se do ato cometido. A resposta esperada deveria ser: “no campo, morto, pois o matei!”.

A resposta de Caim explicita sua preocupação com o próprio ego. Isso é evidente pelo excessivo uso da primeira pessoa pronominal, presente em três das cinco palavras que constituem sua resposta (meu, sou, eu). Além disso, o pronome pessoal de 1ª pessoa com que Caim encerra sua frase (אֲנִי) é o mesmo usado para descrever o "Eu" por excelência de Deus. A posição que o pronome ocupa na frase, enfaticamente no final, é a maneira clássica utilizada na língua hebraica para expressar um discurso egocêntrico. Caim confirma nas palavras aquilo que Yhwh havia alertado desde o início, sua atitude interior autocentrada, que não permitia ver algo distinto de si mesmo.

O termo שָׂמֵר na Bíblia Hebraica possui o sentido de: “guardião, sentinela, vigia, vigilante, guarda, polícia”. A partícula אִם (“Por acaso? Será que?”) indica tratar-se de uma interrogativa retórica da qual pede-se uma resposta negativa. O sentido dado à pergunta de Caim, portanto, é: “Por acaso guardar meu irmão é função minha?” Retoricamente, a interrogação traz consigo uma resposta negativa. Ao perguntar, Caim implicitamente afirma que não é ele o guardião do irmão.

A forma dada ao discurso de Caim é bastante significativa. Interessante perceber uma espécie de inversão dada por Caim à pergunta direcionada a ele por Yhwh no v.7: “Não é verdade que, se ager bem, levantaria [a face]?” O uso da partícula no v.7 também tem uma função retórica, mas, diferentemente, encontra-se unida com a partícula negativa (לֹא) e por isso, lá, supõe resposta afirmativa: “Sim, é verdade!”. Poderia se pensar, pelos aspectos formais das questões, que para Caim toda a trama trata-se de uma disputa de “egos”. Caim arroga-se no direito de enfrentar Yhwh, “jogar o mesmo jogo” retórico que ele, desafiando-o. O termo אֲנִי (sou eu) usado arrogantemente em confronto com o majestático “Eu Sou” de Yhwh, ao final da frase parece confirmar isso.

Proteger ou controlar?

No v.7 o uso da retórica indicando a resposta afirmativa de Yhwh mostra-se apropriada, mas seria imprópria a pergunta retórica de Caim? Para responder isso, é necessário perceber dois aspectos do verbo *שמר* e a conotação que Caim lhe confere. O verbo não é usado somente no sentido de “preservar, cuidar, sustentar, proteger”, mas também com o sentido de “controlar, regular, exercer autoridade sobre, supervisionar”. Caim usa o *particípio* *שמר* neste segundo sentido, e aplica a ele uma conotação visivelmente negativa.

Caim afirma não saber de Abel porque não cabe a ele ficar vigiando os passos do irmão, controlar, regular, “policiar” o irmão, como se Abel fosse seu prisioneiro. Neste sentido, há de se concordar com ele. Existe diferença entre “controlar” e “cuidar”. Os textos bíblicos indicam claramente o dever humano de assistir os necessitados, prover o pobre, guardar o direito dos mais frágeis, mas não há nenhuma referência bíblica sequer que sirva para fundamentar a ideia de que um homem deva controlar a vida de seu semelhante. Desse modo, a interrogativa retórica de Caim se mostra apropriada, contendo uma coerente resposta negativa. De fato, não cabia a Caim controlar os passos do irmão.

Das mais de 450 vezes em que o verbo *שמר* aparece na Bíblia Hebraica, ele é aplicado com o sentido de “guardar” como obrigações de ofício², ou tendo por objeto, “coisas”³, prisioneiros, escravos, ou, ainda, a própria pessoa (na função de guardar a si mesma). No entanto, quando o verbo tem por objeto pessoas livres, seu uso é reservado efetivamente a Deus ou um anjo, com o sentido de proteger⁴. Desse modo os textos bíblicos expressam a mentalidade hebraica de que é Yhwh que detém, em primeiro lugar, a guarda, em sentido amplo, do ser humano.

A partir da constatação dessa mentalidade é que as palavras de Caim ganham o aspecto sarcástico. Diretamente defende-se contra-atacando, jogando para Yhwh a responsabilidade da vida de Abel e, indiretamente, escarnece dessa função de guardião e da capacidade de Yhwh de guardar a vida de Abel.. Nas entrelinhas da frase de Caim fica claro que para ele, o ofício de guardar não era visto de modo algum como algo positivo, “guardar” para Caim não significava proteger, tutelar, defender, preservar, assistir, zelar, mas sim algo negativo, um ofício de policiar, controlar, manter “sob as rédeas”. Caim demonstra, indiretamente que, para ele, Yhwh não era um protetor, mas um controlador.

Não obstante a pergunta de Caim ser retoricamente correta, mostra-se, no entanto, como uma astuciosa falácia. Com a finalidade de negar toda a responsabilidade, Caim habilmente exagera a responsabilidade para com Abel, elevando-a a um nível que vai além do ser humano e que cabe

² Cf. 1Sm 14,50; 26,15.16 (Davi afirma a obrigação de Abner, chefe do exército, em guardar a vida do rei Saul).

³ Cf. Gn 2,15; 3,24; 17,9.10; 18,19; 24,6; 26,5; 30,31; 31,24; 41,35; Ex 12,17.24.25; 16,28; Lv 19,3; 26,3; Dt 5,12; Js 23,11 (bens materiais, animais, lugares, solo, jardim, prisão, porta, templo, passagem, estatutos, leis, mandamentos, aliança com Yhwh).

⁴ Cf. Gn 28,15.20; Ex 23,20; Nm 6,24; Js 24,17; Sl 34,21; 37,28; 91,11; 97,10; 116,6; 121,3.8; 145,20; 146,9; Jr, 31,10.

somente a Yhwh. Apesar do relato não apresentar nenhuma frase explícita que afirme que Caim devesse ser responsável pelo irmão, o contexto parece trazer claramente a indicação de que a relação fraterna precisa ser feita de cuidado e respeito pela existência do outro. Na sequência textual Yhwh não responde a essa questão, mas o relato parece indicar a resposta, deixando entrevê-la cada vez que une ao nome de Abel o aposto “irmão”. Nas 7 vezes que insistentemente a palavra é usada e em especial no ponto mais tenso do relato, parece clara a indicação que a fraternidade exige relacionamento responsável, de respeito e auxílio mútuo.

Levando em conta o macro-relato de Gn 2–4 , um importante uso do verbo *שָׁמַר* é feito ao aplicá-lo, juntamente com o verbo *עָבַד* (“lavar, servir”) para indicar a missão dada por Yhwh ao ser humano ao conferir-lhe existência. Fora criado e colocado no “Jardim do Éden”, como dito em Gn 2,15, para, literalmente, “servir, cultivar e guardar”. Parece que nestes dois verbos *עָבַד* e *שָׁמַר* está expresso o ofício humano de “cuidar” da obra divina. Desse modo, pode-se concluir que está incluído nisso, de sobremaneira, o ofício do cuidado fraterno, sendo o humano parte sublime da obra criada. Caim carregando o mesmo ofício do pai (cf. Gn 4,2), carrega consigo o simbolismo do ser humano na essência para a qual fora criado.

Desse modo, poder-se-ia deduzir, acertadamente, que está incluído essencialmente na missão existencial de Caim, o mandato de “guardar” o irmão. De fato, não cabia a Caim ser alguém para vigiar o irmão constantemente, controlá-lo ou exercer autoridade sobre ele, no entanto, ser alguém com quem o irmão pudesse contar em tempos de apuros, isso sim, cabia a Caim, ainda mais por tratar-se do irmão mais velho.

Uma disputa de Egos?

Nessa altura do relato de Gn 4,1–16, o texto traz contribuições importantes que acrescentam percepções à leitura que vem se desenvolvendo desde o início. Nesta nova aproximação de Yhwh a Caim se confirma seu modo paterno de dialogar com Caim. Interessante perceber que a disputa de egos em que Caim se vê envolvido, não é uma disputa recíproca. Yhwh não está disputando nada com Caim, mas aproxima-se para possibilitar a Caim atingir a verdade existencial e, com isso, penetrar na maturidade humana. Isso consistiria em sair de uma realidade subjetiva, construída em torno de si mesmo, para adentrar a realidade objetiva, distinta dele e maior que ele. Somente se Caim tivesse dado esse passo é que poderia ter sua singularidade afirmada objetivamente na realidade, do contrário, mantém-se na ilusão frágil do egocentrismo, uma realidade subjetiva que precisa sempre estar em disputa para afirmar o próprio ego⁵.

⁵ Cf. J. ANGELATS I MORATÓ, *Cain i Abel, Paraula o Violència*, p. 94–95.

Caim só poderia perceber a subjetividade de sua realidade autocentrada, na objetividade proporcionada a ele por Yhwh quando este preferiu seu irmão. Só poderia encontrar sua singularidade quando reconhecesse a existência de seu irmão, assumindo a responsabilidade que isto comporta, de respeito e reconhecimento do outro. Caim encontraria sua autenticidade quando, abandonando seu “eu” subjetivo, se unisse ao “Eu” objetivo de Yhwh, sendo capaz de dizer: “Eu sou o guardião do meu irmão”, isso significaria também reconhecer a si mesmo como alguém “guardado” por Yhwh e agindo como Yhwh ou, melhor dizendo, como embaixador-ministro instituído por Yhwh.

Yhwh, primeiro guardião do ser humano, quis tornar Caim participante da realidade objetiva, que encontra em Yhwh (“Aquele que é”) seu verdadeiro centro, quis uni-lo a si para que ele alcançasse sua plenitude existencial. Mas Caim viu Yhwh como alguém a ser superado e derrotado e o irmão Abel, antes de ser reconhecido e protegido, foi eliminado, pois a existência deste constituiu-se para um imaturo Caim, um obstáculo para usufruir da “totalidade” de um mundo egocentrado.

Ao invés de adentrar a verdade, Caim a negou de forma gritante. Sua resposta revela que quer manter-se na ilusão de totalidade na qual está inserido e parece claro que a eliminação do irmão é a tentativa de “restaurar a ordem” de seu mundo, rompida pela presença “incômoda” de Abel, desde a escolha divina no episódio das ofertas (v.4-5). Sua resposta expressa a violência de sua personalidade, uma violência expressada na ação de matar o irmão e agora revelada também pelo teor de suas palavras, que negando a verdade e a responsabilidade, intenta eliminar de si até a memória de Abel. Uma violência também contra Yhwh, pois atacando-o ao invés de aceitar sua escolha por Abel, demonstra que recusa uma realidade centrada na pessoa de Yhwh, pretendendo outorgar para si o que objetivamente pertence a Yhwh.

Se a ação fratricida de Caim revelou seu interior, suas palavras confirmam e ajudam a expressar ainda mais seu caráter falho e violento, expondo-o totalmente. Parece que se pode perceber, de forma mais clara, que o “animal agachado” do v.7 é um reflexo do próprio Caim que, levantando-se, ataca o irmão, no v.8, e Yhwh, no v.9. Caim negando-se à alteridade e, ao mesmo tempo, a reconhecer uma essencial unidade fraterna, sucumbiu em sua humanidade e deixou-se transformar no feroz animal que deveria dominar. Um trágico movimento da história de Caim, que fora, no entanto exortado na primeira intervenção de Yhwh (v.6-7), dando a possibilidade de um final diferente para o episódio com o irmão. Caim não quis ouvir os conselhos de Yhwh e sucumbiu, tornando-se vítima de si mesmo.

